

A PRESENÇA DE MULHERES NA FACULDADE INDÍGENA INTERCULTURAL DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – FAINDI/UNEMAT: APONTAMENTOS INICIAIS

Marli Auxiliadora de Almeida¹⁰⁹

Este estudo versa sobre a presença feminina no curso de Licenciatura Intercultural Indígena ofertado pela Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI) da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Antes da criação da FAINDI, em 1999, a formação de graduação específica e diferenciada para professores indígenas foi ofertada pelo “Projeto 3º Grau Indígena” – Formação de Professores Indígenas”, no ano de 2001, pela UNEMAT, em parceria com o governo do estado, representado pela Secretaria de Estado de Educação – SEDUC/MT.

De acordo com Eliane Boroponepa Monzilar (2019), a formação específica e diferenciada do 3º Grau Indígena¹¹⁰, da qual a referida pesquisadora indígena fez parte, representou o resultado da luta do movimento indígena de Mato Grosso, conectado ao movimento indígena brasileiro, por uma educação indígena/escolar que ressignificasse a educação colonial. Vale ressaltar que o movimento indígena mato-grossense, havia conquistado a formação secundária pelos projetos “Tucum” e “Urucum/Pedra Brilhante”, no ano de 1995, intermediados pela Universidade do Estado de Mato Grosso, inaugurando o pionismo da Unemat, através do 3º Grau Indígena.

Após a primeira turma do 3º Grau Indígena, foram ofertadas mais três turmas, entre os anos de 2005 a 2015, sendo criado o curso de Pedagogia Intercultural, no ano de 2012. Durante o processo de aumento de oferta de educação intercultural para várias etnias¹¹¹, a graduação à nível de projeto, foi transformada em Faculdade. Sendo criada

¹⁰⁹ Professora Adjunta do curso de Licenciatura em História e do Mestrado e Doutorado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Integrante do Grupo de Pesquisa: Cultura, Diversidade e Ensino de História/UNEMAT. <https://orcid.org/0000-0001-5385-0904>

¹¹⁰ O vestibular do 3º Grau Indígena ofertou 180 vagas para estudantes indígenas de Mato Grosso, e 20 para demais estados brasileiros. Resultando na aprovação de indígenas de várias etnias, dentre estas: *Kaxinawa* (AC), *Manchineri* (AC), *Wassu Cocal* (AL), *Baniwa* (AM), *Tikuna* (AM), *Baré* (AM), *Pataxó* (BA), *Tuxá* (BA), *Tapeba* (CE), *Tupinikim* (ES), *Potiguara* (PB), *Kaingang* (RS e SC) e *Karajá* (TO). Estes foram graduados entre (200-2006), nos cursos de Licenciaturas Interculturais: Línguas, Artes e Literatura; Ciências Matemáticas e da Natureza; Ciências Sociais. Disponível em: <https://portal.unemat.br/?pg=site&i=indigena&m=historico>. Acesso 23/02/2025.

¹¹¹ Verificar a participação das *Apiaká*, *Aweti*, *Bakairi*, *Bororo*, *Cinta Larga*, *Chiquitano*, *Ikpeng*, *Manoki/Irantxe*, *Juruna*, *Kalapalo*, *Kamaiurá*, *Karajá*, *Kayabi/Kawaiwete*, *Kuikuro*, *Matipu*, *Mebêngokré*, *Mehinako*, *Myky*, *Munduruku*, *Nafukwá*, *Nambikwara*, *Paresi*, *Rikbaktsa*,

em 1999, pelo Conselho Universitário/CONSUNI, e aprovada pelo Parecer CNE/CEB nº 14/99 (Coelho; Almeida, 2023, p. 222).

A partir da composição da FAINDI, a formação específica e diferenciada para professores indígenas em exercício nas escolas das aldeias, foram ofertados cursos de *Lato Sensu* em Educação Escolar Indígena, para professores indígenas graduados e demais profissionais de instituições que atuam no campo da Educação Escolar Indígena. Os referidos cursos, de graduação e especialização possibilitaram a aprovação do primeiro Mestrado profissional específico para professores indígenas, “Ensino em contexto Indígena Intercultural”¹¹².

Diante do exposto sobre a formação de professores indígenas na FAINDI, nosso objetivo ao participar no Seminário Internacional: “Pensamento Latino Americano e Educação as contribuições de Lélia González, Paulo Freire, Rita Segato e Rodolfo Kusch”, é apresentar um estudo preliminar sobre a presença de mulheres indígenas de diversas aldeias de Mato Grosso, que ingressaram na Licenciatura Intercultural, em 2024, e a possibilidade destas refletirem sobre a relação de gênero nas comunidades e a interlocução com saberes acadêmicos que discutem a colonialidade sob o olhar feminino.

Em termos teórico-metodológicos, os estudos da antropóloga argentina, Rita Laura Segato (2003), “Uma agenda de ações afirmativas para as mulheres indígenas do Brasil”. Assim como, o conceito de gênero em seu estudo “Gênero e Colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial” (2012), e a metodologia de pesquisa bibliográfica da produção acadêmica de Monzilar (2019), a observação participante no componente curricular: Diagnóstico Sócio-histórico-cultural, que ministrei para ingressantes do curso de Licenciatura, em 2024, guardadas as devidas proporções, nos ajuda pensar a crescente participação de mulheres no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da FAINDI. Assim como, a relação de seus saberes ancestrais em conexão com os conhecimentos acadêmicos adquiridos nos componentes

Paíter/Suruí, Kisêdjê/Suyá, Tapayuna, Tapirapé, Terena, Trumai, Umutina, Waurá, Xavante e Yawalapiti na FAINDI, disponível em: <http://portal.unemat.br/?pg=site&i=indigena&m=historico>

¹¹² Resolução CNE/CP nº 1, de 07 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://portal.unemat.br/?pg=site&i=indigena&m=historico>. Acesso 24/02/2025.

curriculares interculturais, que permitem reflexões à respeito da “colonialidade” na formação docente.

A referida pesquisa, ainda em situação de levantamento bibliográfico e análise de questões levantadas na turma sobre a origem do povo; língua; território e contato; organização e elementos da comunidade; direitos humanos, fronteiras geográficas e humanas; saberes ancestrais e dos não indígenas; educação; arte e tecnologia, justifica-se pela importância de conhecer a inter-historicidade dos povos indígenas, aqui pensada, na participação das discentes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da FAINDI.

Consideramos que o aumento do número de mulheres indígenas na graduação específica e diferenciada, pode contribuir para a discussão da relação de gênero no currículo da educação escolar indígena em Mato Grosso, contrapondo a colonialidade.

Referências

COELHO, Cristiano; ALMEIDA, Marli. **Ensino de História e Educação escolar indígena na Faculdade Indígena intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso** – FAINDI/UNEMAT. In: FRANCO, Neil *et al.* Educação, Saberes e Fazeres Docentes: Pesquisas no Brasil, Argentina e Colômbia. 2023.

MONZILAR, Eliane. **Aprender o conhecimento a partir da convivência: uma etnografia indígena da educação e da escola do povo Balatiponé-Umutina**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Brasília. UnB, 2019.

SEGATO, Rita. **Uma agenda de ações afirmativas para as mulheres indígenas do Brasil**. Série Antropológica (326 - nova versão). Brasília: UnB, 2003.

SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. Trad. Tradutor: Rose Barboza. **e-cadernos CES** [Online], 18 | 2012, URL: <http://journals.openedition.org/eces/1533>.